



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

Nº 5 — 2ª SÉRIE

FEVEREIRO DE 1964

PREÇO: \$50

OS MOTIVOS SÃO OUTROS

A crise da Lavoura é de tal ordem, que os dirigentes dos organismos corporativos e o ministro da Economia, andam numa roda viva com reuniões sem que dessas reuniões saia algo de concreto em benefício da Lavoura, principalmente em benefício do pequeno e médio agricultor.

Os dirigentes dos viticultores lamentam-se da fraca exportação dos nossos vinhos e elogiam o ministro da Economia, que para travar a catastrófica baixa dos preços do vinho, permitiu a «queima» de 35.000 contos de vinho verde da colheita anterior. — (Só no concelho de Monção foram «queimadas» 25 mil pipas de vinho verde!)

Outros, referindo-se às fracas colheitas agrícolas, atribuem as causas à decrescente fertilidade do solo, à falta de organismos coordenadores de tipo J.N. do Vinho ou da F.N.P.T. quer na produção quer na comercialização e às dificuldades de créditos a curto e a longo prazo.

O senhor ministro da Economia, esse, diz que as causas das fracas colheitas têm sido motivadas pela permanência das dificuldades da Lavoura e têm sido determinadas em grande parte por uma sucessão de anos agrícolas desfavoráveis e, o verificar-se uma certa estagnação no processo da agricultura.

São estas as causas da crise da Lavoura e a solução para esta crise, que tanto uns como os outros apresentam? Creio que não, porque: 1º — Para aumentar a exportação dos nossos vinhos, é necessário que os governantes salazaristas estabeleçam relações comerciais com os países socialistas e não limitem a exportação só aos países capitalistas.

Por outro lado, enquanto se «queimam» milhares de pipas de vinho verde, há pessoas no nosso país, que por auferirem um salário de fome ainda nunca tiveram um gole sequer deste vinho! — Só com um aumento geral de salários é possível
(continua na 4ª pág.)

II CONFERÊNCIA DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

Realizou-se em Janeiro deste ano, algures na Europa, a 11ª Conferência da Oposição Anti-fascista Portuguesa, na qual tomaram parte representantes de forças e sectores democráticos, representantes de organizações do interior e do exterior e quadros responsáveis da Frente Patriótica de Libertação Nacional.

Nesta Conferência, cuja realização é um importante passo em frente na luta contra o regime de Salazar, foi dado balanço à actividade desenvolvida durante o ano de 1963 e foram tomadas importantes medidas para se melhorar e impulsionar a luta contra o fascismo a fim de se libertar Portugal da ruinosa situação a que o governo salazarista o condenou.

Foram aprovadas resoluções que tratam dos Objectivos Políticos, do Problema Colonial, das Formas de Luta, da Organização, da Direcção e dos Núcleos de Emigração.

Em relação aos Objectivos Políticos a Conferência considerou que eram «objectivos de todas as forças representadas entre outros, os seguintes:

SEMPRE O MESMO!

Os lavradores produtores de leite da região de Aveiro reivindicam para a Lavoura regional leiteira os benefícios que a indústria está a usufruir no abastecimento de Lisboa, com leite proveniente da região. É sempre o mesmo! Uns, os camponeses, é que têm o trabalho e são depois os outros a beneficiar desse trabalho.

Camponeses de Aveiro! Uní-vos e exigí a satisfação da vossa reivindicação, que é justa!

Obrigaí o Grémio a tomar em consideração os vossos interesses! Mas lembrai-vos que ninguém melhor que vocês, organizados e unidos à volta duma comissão, pode defender e exigir a satisfação das vossas reivindicações!

Em frente camponeses de Aveiro!

- destruição da máquina do estado fascista e construção de um estado democrático;
- a transformação de Portugal num país de indústria avançada e nacional;
- a reforma da estrutura agrária;
- o aproveitamento das riquezas nacionais em benefício das mais vastas camadas da população;
- o não reconhecimento dos empréstimos externos, quando aplicados em investimentos não produtivos, nomeadamente os contraídos para conduzir as guerras coloniais;
- a protecção dos interesses económicos e sociais das classes trabalhadoras e das classes médias;
- ampla política democrática de assistência médica e de seguros sociais;
- a extinção do analfabetismo e larga difusão e democratização
(continua na 2ª pág.)

II CONFERÊNCIA CONVERSA COM UM LAVRADOR

da Oposição...

da cultura;

- uma política externa de cooperação com todos os povos; de não alinhamento em blocos;
- o reconhecimento do direito à autodeterminação e à independência dos povos das colónias portuguesas.

A Conferência resolveu constituir-se em «órgão deliberativo da Frente Patriótica de Libertação Nacional» e dentro dessas atribuições, decidiu criar a **Junta Revolucionária Portuguesa** como «órgão impulsor da luta de Libertação Nacional» cuja presidência foi entregue ao senhor General Humberto Delgado.

Finalmente a Conferência aprovou uma proclamação aos PORTUGUESES na qual se afirma que... «É chegado o momento de cerrar fileiras de reforçar e desenvolver as organizações existentes, de desenvolver a organização da Frente, de intensificar a luta anti-fascista em todos os terrenos e sob todos os aspectos, associando a ofensiva à defensiva e o ataque à resistência.» É mais adiante... «Chegou o momento de escolher. Ninguém pode ficar neutro... Chegou a hora de todos anti-fascistas de todos os patriotas darem a sua adesão ou a sua cooperação à Frente Patriótica de Libertação Nacional.»

«A TERRA» saúda todos os democratas e patriotas que tornaram possível a realização desta IIª Conferência e apela para que todos os camponeses do Norte dêem a sua adesão activa à FPLN e lutem pela aplicação prática das Resoluções aprovadas, quer formando Juntas de Camponeses, quer constituindo organismos de Unidade que defendam os seus vários interesses espezinhados pelo salazarismo e seus lacaios.



**RÁDIO
Portugal
LIVRE**

Transmite diariamente das 7 às 7,30 em 50 metros, das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros.

Ao domingo, em emissão especial, dedicada aos camponeses e agricultores, das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

P. — Que pensa o senhor da situação dos lavradores e quais são os seus problemas mais gritantes?

R. — A técnica utilizada por nós é a mesma que utilizavam os nossos avós. Ninguém nos diz se o adubo faz bem a isto ou aquilo. Nós aplicamos-lo mas sem conhecimento. Ficamos abismados quando sabemos que em vários países se tiram 70 sementes na produção da batata. Não temos técnicos para nos ajudarem. Os produtos químicos que utilizamos são falsificados. Também não temos recursos. Se nos cai em cima uma trovoadinha ou outra intempérie ficamos na desgraça sem ninguém que nos socorra. Os créditos não chegam até nós e as sementes vendem-se a preços caríssimos e por grande favor!

P. — Que pensa sobre a batata?

R. — O ano passado comprei a batata de semente a 3\$50 (a nacional). Sei que muitos lavradores a compraram a 4\$50 (a estrangeira). Tudo tem subido, só os géneros agrícolas é que se mantêm nos preços antigos. Nós os lavradores é que não podemos ser os eternos sacrificados. Há 16 anos pagavam-se 12\$00 de jorna aos trabalhadores e vendia-se a batata a 1\$20; hoje pagam-se 22\$00 e mais a um trabalhador e chegamos a vender a batata a \$60 o kg.

(Repare que eu não quero com isto dizer que os 22\$00 sejam uma jorna elevada. Não senhor! Acho até que é muito pouco para o que eles precisam. Nós, na situação em que nos encontramos é que não podemos pagar mais).

P. — A que preço pensa que seria justo venderem a batata?

R. — Na minha opinião a batata devia ser vendida a metade do preço da batata de semente.

P. — O que pensa o sr. do vinho?

R. — Nós estamos a vender o vinho a 2\$20 e 2\$00 o litro e até menos.

P. — Qual o preço por que lhe sai o vinho depois de todo o trabalho?

R. — O preço de 2\$20 é ganho suficiente para o lavrador? O preço de 2\$20 é ganho suficiente para o lavrador? Há lavradores que dão só três pulverizações, há outros que dão sete, oito e até doze pulverizações. Sendo assim, e se o ano for bom, o lavrador que deu três pulverizações tem a mesma produção que aquele que deu as oito ou as doze e, deste modo o vinho sai mais barato ao primeiro. Mas pode-se dar uma

BARAFUNDA

Com este título, publicou o «Jornal Vilarealense» (de Vila Real) em 16-1-64 a seguinte local:

«Lavra grande barafunda na Repartição de Finanças. O «Zé» comparece, coitado, à chamada e cede humildemente ao que lhe é solicitado. Mas não compreende nada do que lhe exigem. Nem lhe sabem explicar coisa nenhuma. E deita as mãos à cabeça porque não sabe ao certo quanto tem de pagar este ano. É o dobro? É o triplo?... Seja o que for, o que ele queria saber de certeza é se lhe fica algum ou se tem de fugir para um país onde haja menos melhoramentos, se gaste menos e se possa viver com o que se tem.»

média aproximada do custo do vinho para o lavrador: \$80 a 1\$00. Quanto ao preço de 2\$00 a 2\$20 por que o lavrador o vende é pouco porque sendo ele que arrisca todo o capital, quando um ano é mau está sujeito a tudo perder, sem qualquer ajuda ou crédito da parte do governo. Nós que corremos todos os riscos ganhamos 1\$00 por litro; o intermediário que nada arrisca, ganha os mesmos 1\$00, pois compra por 2\$00 e vai vender por 3\$00. Os intermediários deviam ser abolidos.

P. — A quem preferes vender o vinho?

R. — Prefiro vendê-lo ao negociante porque a Casa do Douro só nos paga 75% na altura, pagando-nos os 25% restantes no ano seguinte.

P. — Como considera possível resolver esta situação em que se encontra o lavrador?

R. — O problema é do governo. O problema da Lavoura em Portugal não se resolve sem deitar abaixo o governo de Salazar!

A FALTA DE BACALHAU E ARROZ

NOS MEIOS RURAIS

O desprezo a que está votado o agricultor verifica-se através de vários aspectos. Além da sua vida económica precaríssima, sucede que, mesmo nas suas reduzidas possibilidades que tem para comprar géneros de mercearia, para a sua alimentação, raramente encontra certos géneros, isto é, há artigos de mercearia que escasseiam com frequência, e outros há que desaparecem mesmo, do mercado.

Está neste caso o arroz tipo corrente. Onde é que se encontra nos meios rurais o arroz deste tipo? Não obstante ser de inferior qualidade, mas como é mais barato era o que tinha mais procura nos meios rurais. Mas mesmo do arroz tipo mercantil há falha este é na escala do preço o que segue ao tipo corrente. Pois fui sabedor, por um merceiro da província que o arroz mercantil só o consegue obter desde que compre a mesma quantidade de arroz gigante! Ora, este arroz é o mais caro e o rural não o compra. Não é que ele ainda não valesse a diferença, porque olhando à qualidade dele, torna-se ainda mais barato que o tipo corrente e mercantil mas é que o rural, dada a falta de dinheiro que tem não o pode comprar, porque um tostão que seja representa mais para a economia do rural que 10\$00 que o burguês gastou no charuto que queimou em pouco tempo. Quanto ao bacalhau sucede o mesmo, este está constantemente a falhar, e o rural quando o encontra e o pode comprar é na maior parte dos casos, enganado, paga por um preço superior um tipo de bacalhau que tinha uma tabela mais baixa. Além disso, raramente encontra bacalhau alto porque à província só costuma chegar bacalhau miúdo, algumas vezes do tamanho de uma mão e fino como o papel, e não raramente um pouco deteriorado.

Será que o camponês merece toda a espécie de desprezo? Não é por acaso que acontece isto! Isto sucede porque ninguém da governação dispensa a menor atenção ao camponês. Pelo contrário, o camponês tem que estar sempre pronto a satisfazer todas as exigências que lhe façam através de uma penada de Lisboa, mas esperar que de lá venha qualquer coisa de bom para ele, isso já não acontece. O camponês até já não pensa nisso devido a nunca ter qualquer amparo desse lado. Existe realmente uma série de injustiças por parte do governo para com o camponês, é injustíssimo o desprezo a que está votado aquele que produz tudo que farta e alinda as mesas, e em muitos casos, só a mesas dos outros e não a sua porque precisou de vender na totalidade esses produtos que criou para obter parte do dinheiro que precisa para satisfazer obrigações contraídas ou para pagar décimas, licenças, multas, etc. Pobre camponês que, embora só de longe a longe o possa fazer, nem mesmo nessas ocasiões tem possibilidades de encontrar o arroz e o bacalhau que pode e precisava comprar!!!

A «ASSISTÊNCIA» NOS CAMPOS



A operária agrícola Olívia dos Santos, da região da Bairrada, morreu de parto no hospital de Oliveira do Bairro, por falta de tratamento médico adequado a tempo e horas.

Quando chegou ao hospital, o médico responsável do mesmo disse-lhe: «Se tem três contos é operada; se não tem essa importância não podemos fazer nada». E no entanto, a pobre trabalhadora ia munida de um atestado médico!...

Só foi operada após quatro dias de estadia no hospital, operação a que já não resistiu dado o gravíssimo estado em que se encontrava depois de prolongado sofrimento. Se tivesse sido operada quando chegou ao hospital, é voz corrente que teria sido salva.

Este é mais um exemplo do abandono a que estão votadas as populações rurais, particularmente os trabalhadores que passam uma vida de canseiras e privações a granjear o seu sustento, num trabalho duro e mal remunerado e sem qualquer assistência.

O bando de rapinadores que se encontra no governo, capitaneados pelo ditador Salazar, nunca se interessou e jamais se interessará por aqueles que labutam nos campos. Tanto se lhes dá que estejam doentes, desempregados, que tenham de abandonar as suas terras ou não! Eles, os fascistas, só têm milhares de contos para gastar nas guerras coloniais, onde morrem os filhos do povo, e não para melhorar a sorte dos trabalhadores.

Perante esta situação, que poderemos nós, trabalhadores do campo, fazer?

Quando os lobos nos atacam o gado nós organizamo-nos e fazemo-lhes uma batida. Ora o governo de Salazar não é mais que um bando de lobos que nos ataca por todos os lados, e sendo isto verdade indesejável, temos que nos organizar e unir juntamente com todos os descontentes e fazermos uma batida ao bando do governo.

Os nossos companheiros do Sul do país também estão fazendo a sua obrigação na batida aos «lobos da governação».

Todos juntos, venceremos!

A JNV NÃO PAGA O QUE DEVE!

A JNV, organismo corporativo criado pelo governo de Salazar para melhor explorar os pequenos e médios viticultores a favor dos grandes, ainda não pagou os vinhos que levantou desde Agosto passado, tendo estado a pagar apenas os vinhos levantados de Março a Agosto!

Isto mostra bem quais são os «bons desejos de ajuda» daquele organismo fascista.

Para eles, ajudar é criar-nos dificuldades, explorando-nos ainda mais pois sabem que precisamos do dinheiro, que é nosso, para proceder ao tratamento das vinhas, a fim de prepará-las para a nova colheita, e como não nos pagam o que nos devem, forçam-nos a pedir-lhes um empréstimo do qual nos cobram 4% de juro. Para pagar os nossos vinhos não há dinheiro! Para conceder empréstimos a juros já têm dinheiro! E as contribuições que temos de pagar agora? Como havemos de pagá-las?

O que todos nós, viticultores, devemos fazer é recusar-nos a pagar as contribuições enquanto a JNV não pagar o que nos deve.

OS MOTIVOS...

(continuação da 1ª pág.)

escoar os nossos produtos.

Quando em quase todos os países do mundo nestes últimos anos se verificou uma nítida melhoria alimentar, o nosso país apenas suporta o confronto com o de outros países no que diz respeito a alimentos de origem vegetal, mas em alimentos de origem animal, continuamos a ser a «lanterna vermelha».

2º—As fracas colheitas que temos, não podem ser atribuídas de modo algum a decrescente fertilidade do solo. Esta só se pode aplicar e de modo muito relativo e condicionado, quando a técnica não progride, ou quando os processos de produção permanecem inviáveis. Não se podem obter boas colheitas com os processos primitivos de cultivo que uma grande maioria de nós utiliza. Dêem-nos condições materiais que nós camponeses trabalharemos a terra como ela merece e ela em troca dar-nos-á grandes e boas colheitas.

Reclamam ainda esses dirigentes dos organismos corporativos a criação de mais organismos coordenadores quer na produção ou na comercialização de tipo da J.N.V., ou da F.N.P.T. Mas, para quê mais organismos desse tipo se os seus resultados em benefício da Lavoura, estão bem à vista! Continua-se, mesmo com estes organismos que os dirigentes reclamam, a «queimar-se» milhares de pipas de vinho, a apodrecer a batata e a fruta e, a dar-mo-la de comer aos porcos por falta de escoamento. Se nós não fazemos as nossas sementeiras com as sementes seleccionadas, é porque os seus preços são de tal ordem, que mesmo com uma boa colheita, ficamos empenhados até aos cabelos!

Não há dúvida que necessitamos de créditos a baixos juros e a longo prazo. Mas, às vezes chego a perguntar a mim mesmo a quem beneficiam esses créditos; se eles não vêm ainda agravar mais a nossa situação? Na realidade o caso é para meditar. Ser-nos concedido um crédito mesmo a baixos juros e a longo prazo, nós vamos levantá-lo com o objectivo de comprarmos mais adubos, alfaías agrícolas, insecticidas, etc. para empregarmos na terra. Ora, nós pagamos as alfaías, as sementes seleccionadas, os adubos, os insecticidas, etc., a preços exorbitantes. Se as colheitas são boas, os nossos produtos não têm escoamento; se são más, aparecem logo as tabelas a limitar os preços do pouco que temos e podemos vender. Dado que assim é, os que mais beneficiam com os créditos que nos são concedidos são os monopólios que mesmo a preços exorbitantes, vêm as «mistelas» que nos impingem com o nome de insecticidas, escoarem-se. Enquanto os monopólios com todo o tipo de trapaceiras são protegidos e estimulados a expoliar-nos cada vez mais pelos nossos governantes, arrecadando fabulosos lucros à custa do nosso suor, nós não conseguimos amortizar os créditos que nos concedem nem a maior parte das vezes pagar os juros o que tem como consequência a hipoteca dos nossos parcos haveres.

3º—Não, senhor ministro! As causas fundamentais das fracas colheitas não são as que apresenta. É necessário que o homem compreenda a acção da natureza porque o homem não pode fazer mais do que utilizar essa acção se é que a compreende, por meio de máquinas, ferramentas, etc. Já o homem primitivo não recebia a subsistência da natureza como livre presente dela, quanto mais nós que vivemos no século XX em

BASTA DE ROUBALHEIRAS!

pela Portaria nº 20.051 publicada no «Diário do Governo» foi aumentado o preço da sêmia, sendo esse aumento de \$30 em kg.

Tratando deste assunto, o Conselho Geral do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo numa das suas reuniões considerou ser «lamentável este aumento por quanto se trata de um sub-produto cujo uso se está a generalizar cada vez mais na alimentação dos animais, em conjugação com outros produtos, e os produtos que lhe dão origem não tiveram qualquer aumento de preço, como seria para desejar.»

Senhores do Grémio de Aveiro e Ílhavo! Este aumento não é só lamentável! É um roubo descarado cometido pelo governo de Salazar, contra os lavradores e a favor dos monopólios de moagens e dos seus representantes no campo, os organismos corporativos.

Bem bastam as dificuldades que temos de vencer para levantar a sêmia de que precisamos, quanto mais ainda agora este aumento!

Basta de roubalheiras srs. salazaristas! Quereis fazer a guerra colonial com o nosso dinheiro mas nós não estamos dispostos!

«Portugal Democrático»

No seu número de Dezembro passado, «Portugal Democrático» órgão dos democratas e anti-fascistas portugueses exilados e residentes no Brasil, assinalava o aparecimento do nosso jornal afirmando que ele «representa uma vitória sobre o fascismo» e fazia um apelo «a todos os patriotas para que ajudem a imprensa clandestina», salientando que «no combate pela conquista da liberdade valem as realizações e não as intenções.»

que o homem por meio de processos científico-técnicos vai conquistando a natureza, e que pelo emprego das máquinas e processos aperfeiçoados de trabalho, facilitou grandemente a produção de víveres!

Não, senhor ministro! A natureza não mudou de dom para acrescentar dificuldades à nossa vida. As dificuldades para produzir víveres não aumentaram, antes pelo contrário, diminuíram grandemente. O que aumentou, isso sim, foram as dificuldades dos operários para os obter, portanto, nós de os escoarmos.

A crise da Lavoura mantém-se e manter-se-á enquanto não for instaurado no nosso país um governo democrático que se interesse pelo povo proporcionando-lhe um nível de vida mais elevado e, liquide os monopólios. cancro principal da nossa economia. Só um governo deste tipo poderá colocar a nossa Lavoura no lugar que lhe pertence e tirá-la da estagnação em que se encontra como o senhor ministro diz, e estabelecer relações comerciais com todos os países.

Nós temos que fazer o mesmo que fazemos quando o «escaravelho» da batata ataca os nossos batatais; para nos conseguirmos ver livres desta praga, temos que os atacar eficientemente com bons insecticidas. Assim, se nos queremos libertar do colete de forças que os actuais governantes há 37 anos nos amarraram, o insecticida mais eficiente que devemos empregar contra eles, é a nossa luta unida e organizada, porque enquanto eles se mantiverem no poder, a lavoura afunda-se e afundar-se-á cada vez mais.